

COMO COMBATER O PROCESSO REVOLUCIONARIO COMUNISTA

General
A. J. DE PAULA COUTO

Na nossa última palestra, que foi a primeira deste 2.º Ciclo de palestras, tratamos de descrever o processo revolucionário, de origem marxista-leninista denominado Guerra Revolucionária, através do qual procura o comunismo internacional se assenhorar do poder em todo o mundo; vimos quais as técnicas destrutivas e construtivas que emprega, bem como a divisão do processo em fases, que marcam a sua progressividade.

Hoje, trata-se de lhes mostrar quais os recursos que os estudiosos do assunto, ainda com os franceses na liderança, apresentam para o combate a esse processo, sem ferir os fundamentos das sociedades democráticas.

A este conjunto de recursos, empregados ainda no primeiro período da Guerra Revolucionária (1ª e 2ª fases) chamam os franceses de "parada", denominando àqueles empregados no 2.º período (fases finais, de violências), de "resposta".

1. Condições essenciais da parada e resposta

Como condições essenciais do bom êxito neste sentido, apre-

senta o Cmt BOULNOIE, confirmado por diversos outros autores, as duas seguintes:

- a. Vontade firme e perseverante de vencer a subversão
- b. Unidade de comando e de ação.

Para que possa haver *vontade firme*, diz BOULNOIE, é preciso que haja antes fé e crença nos valores que se defende, o que, na sua opinião é o que mais tem faltado à FRANÇA e ao OCIDENTE, em geral. *"É preciso criar esta fé, opondo à idéia adversária uma idéia superior, isto é, opondo ao Comunismo, a Democracia, com seus valores essenciais, que são a crença na Liberdade da pessoa humana, na liberdade de consciência, no princípio de que o Estado existe para o homem, e não ao contrário, a crença em Deus, que constituem a base de nossa civilização ocidental, que vale ser defendida ao preço da própria vida.*

Ainda nesta mesma linha de pensamento, é interessante transcrever esta observação de GEORGES ALBERTINI, tratando da "Ação repressiva dos poderes", num trabalho publicado no Men-

sário de Cultura Militar de setembro/outubro de 1961, tradução do original francês: "O Ocidente tem que se adaptar à guerra política ou perecerá. Por que não conseguirá superar suas desvantagens iniciais? Por que não se capacitará da novidade fundamental do problema com que se defronta? E por que não saberia formular a política que permitiria resolvê-los? Grande Deus! O Ocidente já deu provas tangíveis de sua capacidade de adaptação, que é, provavelmente, uma de suas indiscutíveis superioridades sobre o mundo que se lhe opõe, enquadrado por velhas ideologias e rígidas estruturas. No setor econômico, por exemplo, a democracia ocidental era liberal. Entretanto, duas guerras mundiais, algumas crises e os problemas criados por umas e outras, levaram-na a tornar-se intervencionista, a introduzir, no próprio organismo do capitalismo, uma tal dose de socialismo prático, que os socialistas ortodoxos ficam, por vezes, sem palavras diante das transformações, ao verificarem que a revolução está feita e a se perguntarem que é que resta ser realizado do velho programa de 1890. E, no entanto, essa Democracia Ocidental em nada renegou sua característica fundamental: o respeito às liberdades.

Quanto à segunda condição essencial, a unidade de comando e de ação, adquire importância decisiva na fase de "resposta", mas é também muito importante na de "parada", sobretudo no que se refere à unidade de ação admitido o comando como sendo a própria estrutura governamental.

Como na guerra, afirma BOULNOIE, só dá resultado o que é simples, neste caso, por ser a solução simples e eficiente, a unidade de ação deve ser a regra, para que se possa opor à unidade de doutrina e de ação do adversário, hoje minada por divergências de política e de tática, mas sempre visando ao mesmo objetivo final: a conquista do mundo para o comunismo.

Parce-nos interessante, ainda, apresentar a opinião de FRED SCHARWZ (Você pode acreditar nos comunistas...) quanto aos fatores essenciais para o combate à ação revolucionária comunista: Diz ele na obra citada que tais fatores são os três seguintes:

a. *Motivação* — É difícil levar as pessoas à ação sem que haja uma motivação forte. Entre os elementos necessários para dar essa motivação aponta os seguintes: 1) — *Dar conhecimento idôneo da gravidade do perigo.* 2) — *"procurar soluções de aplicação imediata e local"*, o que significa que as pessoas e as comunidades não devem esperar por soluções de âmbito geral, vindas de cima, mas ao contrário responder à seguinte pergunta, auto-formulada: "e que nós podemos fazer já para enfrentar o perigo?" — *"mobilizar pessoas que se oponham ao comunismo em termos ideológicos e que imponham respeito"*.

b. *Conhecimento* — Sob este título, frisa ele a importância de que se dê conhecimentos básicos sobre o comunismo, evitando o perigo das informações unilaterais, que podem fornecer ângulos

simpáticos da doutrina. Ressalta ainda, a importância de tornar claro às pessoas que na luta ideológica de nossos dias, não há como fugir à opção básica que é "liberdade ou escravidão".

c. *Organização* — Lembrando que o comunismo é o inimigo universal de todos os partidos democráticos (inclusive, pois, os de oposição), aponta a necessidade de organizar as forças democráticas, de modo a que possam empreender uma "ação democrática" orientada no sentido de motivar as organizações vultosas, sem pretender substituí-las ou a elas superpor-se.

A respeito da *Motivação*, parece oportuno citar os seguintes expressivos trechos de HERMES DE ARAUJO OLIVEIRA (Guerra Revolucionária).

"Os governantes, em geral, não acreditam na realidade da Guerra Revolucionária e, pois, não percebem o trabalho surdo que se desenvolve nas suas 1ª e 2ª fases; confundem os "fatores favoráveis" (contradições internas) com a causa determinante da agitação, que é a organização revolucionária".

Quanto à necessidade do "conhecimento" do problema, corroborando a opinião de FRED SCHWARZ, podemos ainda citar GEORGES ALBERTINI (obra citada):

"É tudo isso que o Ocidente precisa aprender, para que, finalmente, deixe de ser envolvido pelas iniciativas do mundo comunista. Não se trata de transformar nossos magistrados, nossos diplomatas e nossos políticos, em

agitadores profissionais, à semelhança dos que existem no Oriente. Trata-se de ensinar-lhes o que o comunismo representa, como age e como lhe resistir. Trata-se de fazer compreender por toda a parte, que esse empreendimento gigantesco não pode ser combatido ideologicamente, nem pela refutação de MARX nem por sua adaptação ou adoção, pois MARX nada tem a ver com essa luta. Essa ideologia bolchevista, que outra coisa não é senão uma monstruosa técnica de assaltar e conservar o poder, fundamentada em um materialismo básico, irremediavelmente incompatível com a essência mesma de nossa civilização espiritual, deve ser conhecida pelas elites do ocidente, em sua verdadeira significação".

2. Características da luta

Caberá ainda o Cmt BOULNOIE fixar tais características. Diz ele que ela deve travar-se em três setores, como ações simultâneas e interdependentes:

- a. Conquista da adesão das populações
 - 1) pela presença
 - 2) pela autodefesa
 - 3) pelas reformas
- b. Destruição da organização político-administrativa revolucionária.
- c. Luta contra os bandos armados.

Dis BOULNOIE que a primeira condição para uma ação duradoura na luta anti-subversiva, é a presença dos agentes da lei, acrescentando que, para inspirar con-

fiança à população, é preciso estar sempre presente em todos os lugares, sob pena de tais populações ficarem à mercê dos diversos tipos de agentes da subversão.

Dada, entretanto, a evidente impossibilidade de manter tal presença indefinidamente, deve ela provocar um engajamento da população em favor do governo legal, a ponto de tais populações poderem se defender, por si mesmas, contra os agentes da subversão.

É a este conceito que se denomina de autodefesa, que "é a melhor solução para o problema. Quando a população é capaz de proteger-se por si mesma, pode ser feita economia de efetivos..."

Refere-se o autor mais à fases adiantadas da guerra revolucionária, em que se trata de retomar bases ou zonas liberadas, antes dominadas pelas guerrilhas ou forças da revolução.

Entretanto, o conceito é igualmente válido para a fase da parada, pois que as populações devem ser alertadas e prevenidas contra a ação psicológica inimiga e as suas diversas técnicas destrutivas e construtivas, para que se possa opor a elas.

Por autodefesa, na sua acepção mais ampla, deve-se entender, pois, a obtenção de populações esclarecidas sobre os processos usados pelos agentes da subversão, conscientes dos valores do regime democrático e dispostas a defendê-los, tendo, para isso, organização adequada.

Quanto à necessidade de reformas, constitui ponto pacífico dos

diversos autores. É isto o que diz HERMES DE ARAÚJO OLIVEIRA ao afirmar:

"É preciso construir uma doutrina para a qual nem a conquista do proveito e do gozo individual dos bens materiais constitua o primeiro objetivo nem o Homem seja apenas uma máquina de produção e consumo, como na sociedade marxista." E recomenda que se deva "criar uma ordem melhor, através de reformas que tragam a justiça, a igualdade, o progresso, lutando, sempre, e por toda a parte, contra a desigualdade, a injustiça, os privilégios abusivos, a miséria, a ignorância".

Também o Cap SQUIRYS espousa o mesmo ponto de vista, quando diz:

"analisar as contradições internas de fato existentes e que servem de caldo de cultura para a guerra revolucionária; desencadear as reformas destinadas a suprimi-las ou atenuá-las.

Outro autor, desconhecido, na sua obra "Comunismo — de Karl Marx ao Muro de Berlim", acrescenta:

"vitalizar os partidos políticos, para a prática racional da Democracia"

No que se refere à "destruição da organização político-administrativa" revolucionária, aponta o Cmt BOULNOIE a necessidade de destruir a rede de quadros, de agitadores, propagandistas e assassinos, que trabalha no sentido da sujeição física e moral das populações.

Cumpra combater as organizações clandestinas controladas pelo partido comunista, a começar pelo próprio partido, estendendo-se pelas que ele estabelece nas bases e zonas liberadas, bem como pelas organizações de enquadramento.

Finalmente, a luta contra os bandos armados se refere a uma fase avançada da guerra revolucionária, em que eles já existem, o que pode acontecer a partir da 3ª fase.

Assinala BOULNOIE a necessidade de que sejam simultâneas as ações nestes três campos, pois que *"sem a destruição dos bandos armados, não haverá confiança (das populações) e, por conseguinte, não existirão também as informações necessárias à destruição do aparelho. Sem a destruição do aparelho, não haverá a adesão da população e, em consequência, faltarão informações sobre os bandos armados. Cria-se dessa forma um círculo vicioso, se considerarmos apenas um dos termos da missão."*

3. Medidas a adotar

Segundo ainda o Cmt BOULNOIE, o conjunto de medidas a adotar no combate ao processo revolucionário, atendidas às condições essenciais já expostas, podem ser enfileiradas nos três títulos seguintes:

- a. Ação psicológica intensa.
- b. Ação coordenada e enérgica dos três poderes.
- c. Organização da defesa em superfície.

Quanto à primeira das medidas, corroborando-a, temos a opinião

de MICHEL MELAS, representante da GRÉCIA na OTAN, expressa em 1961:

"Para combater a agressão comunista, é preciso "nos defendermos da guerra psicológica que nos é imposta, contra-atacando em caso de necessidade, nesse mesmo domínio". "A propaganda soviética sabe assestar seus projetores sobre os pontos espetaculares, capazes de impressionar favoravelmente e deixa na sombra o que não é bom mostrar".

Também concorda com ele o Cap SOURIYS, ao dizer, em 1960:

"Segundo os próprios princípios do adversário, uma ação psicológica pode obter efeitos espantosos sobre uma população, que não é mais do que uma massa amorfa. O mesmo movimento que o inimigo provoca no espírito da população, pelo emprêgo de suas técnicas de domínio moral, pode ser criado em prol do governo legal".

Passando agora ao item b., "ação coordenada dos três poderes", vemos que ele mantém íntima relação com a "unidade de ação", que já examinamos. O que geralmente se tem visto na fase atual de combate ao processo revolucionário, é uma maior intimidade do poder executivo com o problema, assegurado que está pelos órgãos da defesa nacional; em geral, os outros dois poderes não dispõem desse mesmo conhecimento das sutilezas dessa agressão, muitas das quais lhes passam despercebidas. Muitas vezes a oposição política não reconhece em medidas de "segurança nacional", adotadas pelo executivo nesse campo fluido da guerra

revolucionária, ações realmente necessárias, envolvendo-as na crítica mais ou menos violenta, que caracteriza a legítima oposição política. Problemas correspondentes surgem também com o *judiciário* cuja ação é muitas vezes limitada por textos de lei que não configuram a realidade da guerra revolucionária. E muitos daqueles que são levados à sua presença pelo poder de polícia do executivo, são absolvidos, seja pela falta de familiaridade dos julgadores com essa nova figura criminal, seja pela dificuldade de enquadramento nos dispositivos legais existentes. Neste ponto, é interessante ouvir outros autores sobre a importância da Lei neste processo de parada e resposta. Eis o que diz HERMES DE ARAUJO OLIVEIRA (obra citada):

"É preciso" "rever o conceito vigente de legalidade, no que concerne às relações internacionais; no vocabulário internacional não existe "guerra revolucionária..."

É o próprio Cmt BOULNOIE é muito claro, quando diz:

"A lei deve contribuir para a luta contra a subversão. Uma das primeiras tarefas desta luta é a de estabelecer um quadro jurídico onde as leis constituam a arma contra a subversão e não uma cortina ao abrigo da qual operam os agentes inimigos".

Sobre as limitações do poder judiciário, é digna de transcrição a seguinte opinião do Capitão SOURIRYS:

"Devido à impossibilidade do Poder Judiciário poder agir eficazmente, devido ao "estado de

paz", a "organização revolucionária" explora facilmente esse ponto fraco legal, indo ao extremo limite da interpretação possível e fornecendo aos indivíduos, caso necessário, advogados hábeis em explorar os menores senões. Os ativistas agem com o mínimo de riscos e a organização revolucionária pode, dessa forma, arranjar uma legião de mártires, o que constitui um excelente meio de propaganda." "Assim uma parada eficaz à Guerra Revolucionária parece repousar, sobretudo, em atos administrativos do Poder Executivo, permitindo, ao mesmo tempo, o contato humano e as reformas."

Finalmente, por "organização da defesa em superfície", devemos entender a extensão da luta anti-subversiva a todo o território nacional, evitando que se limite a certos pontos ou áreas, se bem que em alguns deles ela possa ser mais intensa. É o conceito de "superfície" justapondo-se ao de "profundidade", que procurava caracterizar as demais medidas a adotar.

4. Papel da educação

Entre as medidas de combate à Guerra Revolucionária, assinala o Cap SOURIRYS a importância da educação, que coloca entre as medidas de caráter ofensivo, destinado à formação de cidadãos democratas, aplicada particularmente aos jovens. Este trabalho educacional, segundo o autor, tem por fim fortificar o senso cívico dos educandos, facilitando, assim, a mobilização da opinião pública em torno do regime estabelecido.

Outro não é o pensamento de J. EDGAR HOOVER, diretor do afamado FBI americano e grande conhecedor do assunto que, em sua obra "Os mestres do embuste", aconselha, entre as medidas tendentes ao combate ao comunismo:

"educar a juventude, fazendo dos jovens "cidadãos democratas", dar-lhes conhecimentos que neutralizem o natural encanto que muitos jovens comunistas apresentam, por seu maior preparo político-filosófico pró-marxismo; aprender, nos lares e nas escolas, a "fazer a liberdade soar".

Ainda o autor brasileiro, FRANCISCO RUAS SANTOS, em seu livro "A guerra revolucionária comunista", diz a respeito e no mesmo sentido:

"formar cidadãos com elevados sentimentos cívicos e morais; cidadãos que aceitem o desafio que os comunistas lançam à liberdade. Não temer os seus anátemas, devolvendo-os; ter orgulho de ser um "reacionário", se a reação fôr na luta para preservar a liberdade."

Também o autor desconhecido do excelente opúsculo "Comunismo de Karl Marx ao Muro de Berlim" diz a mesma coisa, ao enumerar as medidas tendentes a combater a expansão comunista:

"educar, na sua acepção integral, ao invés de apenas instruir".

5. Conclusão

Na palestra sobre Guerra Revolucionária, ao apresentar as diversas fases desse processo revolucionário comunista, fizemos questão de frisar que o assunto era de interesse ainda maior para os civis, do que para os militares. De fato, sendo as duas primeiras fases desenvolvidas no ambiente civil, sobretudo nas universidades, nas escolas, nos sindicatos, sem ferir frontalmente o enquadramento jurídico dos sistemas democráticos, cumpria aos civis enfrentá-los no campo da ação psicológica. Desse modo, cortando-o no nascedouro, evitariam que evoluísse e viesse a atingir as fases mais adiantadas, em que o surto da violência e da ilegalidade provocariam a intervenção dos organismos policiais e das Forças Armadas.

Ao estudar as medidas destinadas a enfrentar o citado processo, vemos confirmada aquela observação, pois que entre elas figuram, destacadamente, providências de cunho indiscutivelmente civil, como é a *educação*, como é a *vitalização dos partidos políticos*, como é a *realização de reformas justas na organização política, social e econômica* e como é a *propaganda honesta e objetiva*.

O NATAL DA IMPRENSA DO EXÉRCITO



O Gen Antonio Jorge Corrêa, Secretário-Geral do Exército, ladeado pelo chefe de seu Gabinete, Cel Heraldo Tavares Alves e Sr. Raul Cerqueira, chefe da Imprensa do Exército, que tem à sua esquerda a senhora Diva Cerqueira, sua irmã.



Outro aspecto da festa, da Imprensa. A hora aí é das crianças que se serviram à vontade de doces, salgadinhos e refrigerantes.